

DISCUSSÕES SOBRE A EMPREGABILIDADE DE MIGRANTES INTERNACIONAIS RESIDENTES NO MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

DISCUSSIONS ABOUT THE EMPLOYABILITY OF INTERNATIONAL MIGRANTS LIVING IN MATO GROSSO DO SUL, BRAZIL

DISCUSIONES SOBRE LA EMPLEABILIDAD DE LOS MIGRANTES INTERNACIONALES QUE VIVEN EN MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

Gabriel de Souza Sales

Universidade Católica Dom Bosco

ORCID – <https://orcid.org/0000-0003-3979-9692>

Resumo: A empregabilidade é um fenômeno vivenciado por indivíduos inclusos no mercado de trabalho e abarca questões individuais, sociais e do contexto necessários para a autorregulação e desenvolvimento de competências para permanência do sujeito neste contexto. Ao trazer o foco para migrantes internacionais, o artigo tem como objetivo analisar como as experiências de migrantes residentes em Campo Grande/MS influenciaram sua entrada e estabilidade no mercado de trabalho local, perpassando por elementos de sua trajetória e suas consequências psicológicas. A metodologia utilizada partiu da perspectiva da Psicologia Sócio-histórica e da Análise Crítica do Discurso para discutir os dados obtidos a partir de entrevistas on-line com três migrantes venezuelanos. Verifica-se as motivações e desafios da migração, a inserção no mercado de trabalho, as implicações subjetivas do processo migratório, relações positivas com o trabalho, sensação de pertencimento e estabilidade no emprego e perspectivas de futuro otimistas. Conclui-se que há muito o que caminhar quanto aos subsídios oferecidos para acolher migrantes e, por conta disso, é essencial dar voz aos protagonistas do processo para que suas reais demandas sejam ouvidas.

Palavras-chave: Empregabilidade. Migração internacional. Mato Grosso do Sul. Psicologia Sócio-histórica.

Abstract: Employability is a phenomenon experienced by individuals included in the labour market and encompasses individual, social and context issues necessary for the self-regulation and development of skills for permanence of the subject in this context. By bringing the focus to international migrants, the article aims to analyze how the experiences of migrants residing in Campo Grande/MS influenced their entry and stability in the local labour market, going through elements of its trajectory and its psychological consequences. The methodology uses the perspective of Socio-historical Psychology and Critical Discourse Analysis to discuss the data obtained from online interviews with three Venezuelan migrants. There are the motivations and challenges of migration, integration into the labor market, the subjective implications of the migration process, positive relationships with work, the sense of belonging and stability in employment and optimistic future prospects. The conclusion is that there is a long way to go regarding the subsidies offered to

welcome migrants and, because of this, it is essential to give voice to the protagonists of the process so their real demands are heard.

Keywords: Employability. International migration. Mato Grosso do Sul. Socio-historical Psychology.

Resumen: Resumen: La empleabilidad es un fenómeno vivido por los individuos incluidos en el mercado de trabajo y engloba cuestiones individuales, sociales y de contexto necesarias para la autorregulación y el desarrollo de competencias para la permanencia del sujeto en ese contexto. Al enfocarse en los migrantes internacionales, el artículo tiene como objetivo analizar cómo las experiencias de los migrantes que residen en Campo Grande/MS influyeron en su entrada y estabilidad en el mercado de trabajo local, pasando por elementos de su trayectoria y sus consecuencias psicológicas. La metodología utilizada partió de la perspectiva de la Psicología Socio-Histórica y el Análisis Crítico del Discurso para discutir los datos obtenidos de entrevistas en línea con tres migrantes venezolanos. Se verifican las motivaciones y desafíos de la migración, la inserción en el mercado laboral, las implicaciones subjetivas del proceso migratorio, las relaciones positivas con el trabajo, el sentido de pertenencia y estabilidad laboral y perspectivas de futuro optimistas. Se concluye que hay un largo camino por recorrer en cuanto a los subsidios ofrecidos para la acogida de migrantes y, por ello, es fundamental dar voz a los protagonistas del proceso para que sus demandas reales sean escuchadas.

Palabras clave: Empleabilidad. Migración internacional. Mato Grosso do Sul. Psicología sociohistórica.

No cenário migratório, o Brasil se destaca pelas diversas transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas a partir deste século, o que tornou o país um destino cada vez mais procurado para migrantes internacionais. Para se ter uma ideia, dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM) mostram que na década passada, entre 2010 e 2019, foram registrados 1.085.673 de pedidos de estadia de migrantes no Brasil, sendo aproximadamente 660 mil destas solicitações para estadia com o tempo de residência superior a um ano. A maioria desta população é composta por pessoas da América Latina, em especial haitianos e venezuelanos (CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACEDO, 2020).

Por sua localização estratégica e relevância socioeconômica, a realidade migratória do estado de Mato Grosso do Sul serve como plano de fundo para as reflexões realizadas ao longo das discussões. Além de ser o 6º maior estado do país, em questões territoriais, sua fronteira terrestre é enorme, haja vista que 44 de seus 79 municípios fazem fronteira com Bolívia

ou Paraguai. Diante deste cenário, objetiva-se dar voz aos protagonistas do processo migratório e expor suas vivências no Mato Grosso do Sul, a partir da Análise Crítica dos Discursos de entrevistas semiestruturadas realizadas com três venezuelanos moradores de Campo Grande, capital do estado, sob a perspectiva da Psicologia Sócio-histórica, embasada pelo Materialismo Histórico-Dialético. Com essas informações, é possível montar um panorama da realidade dos processos migratórios na região, suas motivações, desafios enfrentados, o acesso ao mercado de trabalho e as consequências psíquicas de tantas mudanças.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, cuja coleta de dados se deu por conta de entrevistas realizadas com migrantes internacionais a fim de observar a realidade migratória atual e construir uma análise crítica de seus discursos sob o olhar da Psicologia Sócio-histórica. Os princípios metodológicos foram embasados em pressupostos da Psicologia Sócio-histórica e do Materialismo Histórico-Dialético de Karl Marx. O objeto central da pesquisa marxiana recai na criação, fortalecimento, desenvolvimento e formas com que são criadas as condições de crise nas sociedades burguesas (NETTO, 2011). O indivíduo é observado a partir de suas vivências em seu ambiente social, em um processo dialético, ou seja, sendo afetado e afetando o contexto simultaneamente diante de suas experiências vividas, as implicações históricas, anteriores ao seu nascimento, que formaram elementos constituintes da sociedade, logo, fazem parte de seu cotidiano. Sob estes princípios metodológicos, torna-se possível perceber as movimentações históricas e motivações que determinam os fluxos migratórios.

Para fazer parte da pesquisa, os participantes precisavam ser maiores de idade, ter migrado para o Brasil há, no mínimo, seis meses, morar em Campo Grande/MS, estar inserido ou ter tido experiência prévia no mercado de trabalho do país.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco, sob o parecer CAAE nº 38004620.3.0000.5162. As entrevistas foram realizadas entre julho e novembro de 2020 de forma remota, por mensagens de texto e de voz, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para autorizar o uso dos dados. Para preservar a identidade deles, optou-se por chamá-los de Carlos, Luis e Manuel.

Os dados das entrevistas foram analisados sob a luz da Análise Crítica do Discurso, método que enxerga o discurso como algo que vai além do uso simples da linguagem, perpassando pelas implicações sociais e ideológicas por trás da construção linguística, independente do meio em que é originado o discurso (FAIRCLOUGH, 1992, p. 28).

É a linguagem utilizada de maneira dialética em que o “discurso é uma prática tanto de representação quanto de significação do mundo, constituindo e ajudando a construir as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crenças” (MAGALHÃES, 2001, p. 17).

Desta forma, serve como base para observar as implicações do fenômeno migratório na vida dos sujeitos e perceber fatores de como a migração ocorre no país diante de realidades distintas. Para tanto, os discursos dos participantes foram organizados por uma divisão temática, desenvolvida a partir dos principais pontos presentes nas entrevistas e seu cruzamento com referenciais teóricos.

A estrutura para acolhimento de migrantes no Brasil

Apesar de ser um país erguido sob o esforço de povos do mundo inteiro, o Brasil não possui uma estrutura adequada de acolhimento para migrantes e refugiados. Por séculos, o país contou com legislações migratórias discriminatórias e com políticas defasadas para atender suas demandas básicas. Os avanços recentes são notáveis e representam grandes marcos, que foram possíveis graças às discussões sobre a urgência em se pensar na assistência e na garantia dos direitos destes cidadãos, em

especial a partir dos anos 1980, com a redemocratização e o fortalecimento destes discursos. Esta atmosfera serviu de combustível para o nascimento de legislações que buscaram superar a visão do migrante como inimigo, muito comum durante a Ditadura Militar, como a Nova Lei de Migração (Lei nº 13.445/2017) (JARDIM, 2017).

Silva, Jubilut e Velásquez (2020) destacam a importância da lei por tratar o fenômeno com mais respeito e fidelidade com a realidade, abrangendo direitos e deveres nunca designados nas normativas, o que abriu novas portas para o migrante na sociedade. Apesar disso, criticam as lacunas da lei ao se abster de questões valiosas, como o exercício político do migrante.

Em situações críticas como a enfrentada por migrantes venezuelanos nas regiões de fronteira brasileiras nos últimos anos, torna-se mais gritante o despreparo do Brasil quanto à assistência migratória. Com a crise política e social vivida no país vizinho, o número de venezuelanos buscando novas oportunidades no Brasil aumentou exacerbadamente, o que ressaltou a estrutura precária e os problemas sociais enfrentados nas regiões que os receberam. O Estado, por sua vez, atuou de forma insuficiente, ao deixar milhares de pessoas em situação de rua nas cidades fronteiriças brasileiras, além da isenção de governantes locais (MILESI; COURRY; ROVERY, 2018).

Com a ausência de suporte do Estado, a sociedade civil e outras associações buscam atender essas pessoas. No Mato Grosso do Sul, a Fraternidade Sem Fronteiras se destaca atuando com pessoas em vulnerabilidade social. Quanto à migração, suas ações ocorrem pelo projeto MS Acolhe, formado por voluntários que acolhem migrantes venezuelanos no processo de interiorização que chegam pelas fronteiras do Norte, os quais são enviados para outros estados.

Apesar da atuação defasada do Estado, Milesi e Courry (2017) afirmam ser primordial que ocorram ações articuladas entre todas as esferas do governo em busca de mudanças significativas no cenário atual. O trabalho estatal mais presente é feito pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), pelo Ministério Público Federal e Ministério Público do

Trabalho, pela Defensoria Pública da União (DPU). Levando esta realidade em consideração, é urgente repensar as responsabilidades do Estado quanto à assistência aos migrantes, pois apenas a sociedade civil não consegue suprir as múltiplas demandas.

Empregabilidade e os desafios da inserção no mercado de trabalho

6

A empregabilidade diz respeito a um fenômeno analisado por diversas áreas do conhecimento, logo, os conceitos são criados de acordo com o foco de cada área. Para a Psicologia, o estudo da empregabilidade adquire tons dialéticos, por assim dizer, pois visa a análise sobre as relações entre o indivíduo e o trabalho e vice-versa, com atenção para as formas com que o mercado viabiliza a experiência de trabalho para determinados grupos de pessoas e suas habilidades para se aperfeiçoar e acompanhar as mudanças do trabalho (KILIMINIK; NETO; REIS, 2015).

É essencial se lembrar das implicações sociais que impedem alguns indivíduos, como os migrantes, de acessar determinadas esferas do mundo do trabalho simplesmente pelos discursos e estereotipados intrincados em sua condição no país. Por isso, seria equivocada, para uma visão histórico-dialética, a colocação de que as vivências de empregabilidade dependem em maior ou menor grau apenas do indivíduo, haja vista o caminho trilhado para acessar as esferas do trabalho, as consequências do processo migratório, o luto por deixar toda uma vida para trás, ou seja, questões que influenciam diretamente a experiência laboral de qualquer sujeito (PERÉZ, 2008).

As motivações para a migração são diversas, perpassam por questões pessoais, busca de novas oportunidades ou para fugir de crises, o migrante precisa buscar formas de sobreviver no novo país a partir do trabalho, o qual representa papel primordial na inserção do sujeito na sociedade. Sob o ponto de vista de Engels por Leontiev (1978), o trabalho é o ponto de diferenciação do ser humano dos outros animais, pois ele foi a base de organização das sociedades desde seus primórdios e permitiu a espécie se

reger a partir de leis sócio-históricas e não apenas biológicas. Levando isso em consideração, Lukács (2013) coloca o trabalho como elemento central na formação social dos sujeitos, é o que permite a convivência, a troca de experiências e o contato com todas as implicações históricas de uma sociedade por meio daqueles indivíduos.

Para Lane (2006), o trabalho é um dos responsáveis por desenvolver a individualidade durante a vida, por seu papel social em manter a pessoa ativa dentro do sistema produtivo e incluí-lo no meio social, logo, para um migrante, o trabalho vai muito além da subsistência, pois representa importante ferramenta de inclusão social e criação de vínculos com sua nova vida. Contudo, Araújo, Fontoura e Almeida (2017) chamam a atenção para o caráter excludente que o trabalho pode tomar para o grupo devido ao preconceito, responsável muitas vezes lhes relegar a atividades laborais com remuneração aquém da carga de trabalho e, em alguns casos, em situações análogas à escravidão.

No que diz respeito ao vínculo entre migração e trabalho sob a perspectiva histórico-dialética, Vendramini (2018) alerta para os perigos da situação de vulnerabilidade do migrante, pois os torna presa fácil para trabalhos insalubres. No ímpeto de mudar de vida, muitos se lançam à própria sorte e caem em contextos exploradores. Todavia, a autora salienta que nem todos passam por uma jornada migratória sofrida e marcada por explorações, haja vista que muitos conseguem exercer atividades qualificadas, apesar do processo burocrático para revalidação de seus diplomas, se for o caso, e empregos formais com carteira assinada, que passam por uma jornada bem menos tortuosa para chegar e se instalar no novo país, por isso é essencial que não se generalize os fluxos migratórios, pois cada experiência é única e ser migrante não é sinônimo de sofrimento, muito pelo contrário, já que o sentimento comum é de esperança para se estabelecer em um novo lar.

Tendo em vista tais implicações e desafios do processo migratório enfrentados por grande parte destes sujeitos, se percebe que a

empregabilidade vai muito além do trabalho como forma de sobrevivência: ele é mecanismo de inclusão social. Se sentir parte da sociedade é essencial para a busca do bem-estar do migrante, portanto, é necessário voltar a atenção para o âmbito da subjetividade e como tudo isso afeta sua identidade e psiquismo. Ainda se deve prestar atenção ao outro lado, o da organização de trabalho, pois ela tem papel imprescindível em toda essa vivência.

Implicações da situação de vulnerabilidade na subjetividade do migrante

Para falar sobre a situação de vulnerabilidade na qual a maioria dos migrantes se expõe, é preciso se lembrar da desigualdade social. Para Sawaya (2009), o fenômeno tem como principal característica a ameaça constante à existência dos indivíduos ao reduzir suas vontades, experiências e existência a algo quase nulo, em uma incessante busca por subsistência diante de múltiplas formas de humilhação. Tal situação produz um sofrimento intenso no sujeito, além de esvaziar o poder do indivíduo de ser afetado e afetar o mundo ao seu redor. Este estado de desolação é chamado pela autora de sofrimento ético-político, uma penúria ocasionada pelos mecanismos da desigualdade social e servidão em que o sujeito é colocado.

Este conceito é essencial para compreender a situação de vulnerabilidade dos migrantes, haja vista que o processo migratório pode cercear direitos imprescindíveis dos indivíduos que, ao chegar no novo país, se deparam com estruturas ineficientes de acolhimento e precisam lidar com os mecanismos estruturais excludentes mantidos sob pressupostos preconceituosos, impedindo-os de acessar determinadas esferas da sociedade (LUSSI; MARINUCCI, 2007). Ainda há o luto por deixar sua vida e pessoas queridas para trás, por vezes com a intenção de trazê-las ou de voltar para sua terra natal. Quem migra se expõe a novas culturas e vivências que podem ser muito distintas das quais está acostumado, o que pode causar estranhamento e dificultar sua adaptação. Observar as

consequências subjetivas da migração é dever da Psicologia, conforme aponta Vieira (2016), e é urgente que os profissionais tomem para si este espaço de saúde e cuidado ainda pouco explorado.

Para compreender a construção da subjetividade, Lane (2006) traz os três principais contextos formadores da subjetividade presentes na sociedade: a família, a escola e o trabalho. Em cada um, os sujeitos passam por experiências marcantes na formação da identidade e, por conseguinte, de sua subjetividade, a qual é formada a partir da convivência dialética do sujeito com o seu contexto social, em que ele é bombardeado com múltiplas informações, costumes e valores da sociedade e dos grupos sociais menores, como a família, desde o nascimento, portanto, está em constante transformação durante toda a vida. A autora ressalta que o trabalho é fundamental para a inserção social, a definição de papéis e sensação de pertencimento em uma sociedade capitalista.

Diante do exposto, é possível observar como a análise da subjetividade do indivíduo migrante permite perceber diversos aspectos de sua história, as formas com que a inserção em um novo contexto sociocultural, a busca por trabalho, as relações no novo país e os laços com seu país de origem, suas crenças, perspectivas e expectativas. Sob o olhar da Psicologia Sócio-histórica, o fenômeno deve ser pensado sem se esquecer dos impactos psíquicos decorrentes e as noções de pertencimento dos sujeitos, pois são pessoas que trazem suas histórias e culturas na bagagem e adentram em um novo contexto, o que pode causar questionamentos sobre pertencimento.

COM A PALAVRA, OS MIGRANTES

Os resultados obtidos nas entrevistas e analisados a partir da Análise Crítica do Discurso foram divididos em três temáticas gerais que se destacaram nos relatos, além de serem observados à luz da literatura, em busca de montar um panorama da realidade migratória no estado de Mato

Grosso do Sul. As temáticas são: a) Trajetória migratória; b) Desafios do processo migratório; e c) Empregabilidade.

Os três entrevistados, todos vindos da Venezuela, são: Carlos tem 30 anos, chegou ao Brasil em março de 2018, mora com a companheira e a filha mais nova e trabalha como vendedor em uma loja de produtos agropecuários; Luis tem 36 anos, migrou em junho de 2018, mora sozinho, trabalha como estagiário de Pós-Doutorado em uma Universidade pública e possui título de Doutorado, ainda em processo de validação; Manuel tem 30 anos, chegou ao Brasil em março de 2020, é casado, com duas filhas e trabalha como auxiliar de perecíveis em um mercado atacadista.

Trajetória migratória

A trajetória migratória de cada um se distingue em diversos pontos, porém, as motivações são as mesmas: todos vieram para o Brasil em busca de melhores oportunidades de vida e para fugir da crise sociopolítica pela qual a Venezuela passa há anos.

Carlos teve que migrar para conseguir dinheiro e ajudar a família que ficou na Venezuela por mais alguns meses. Ele afirma ter vindo para o Brasil com o sogro e deixou sua companheira, filha mais nova e seu outro filho, mais velho, de outro relacionamento. Após um tempo, conseguiu trazer a companheira e a filha e ajuda financeiramente seu filho, que continua na Venezuela:

[...] não consegui me manter mais lá na Venezuela, tive que sair de lá para fazer algum dinheiro aqui, a gente tinha vários dias passando fome lá e realmente já não aguentava mais, entendeu? Olhar para a cara da minha mulher, na cara da minha filha, minha filha reclamando pedindo comida porque tinha fome, a minha mulher... é... em estado de desnutrição [...].
(Carlos)

Luis também migrou para fugir da crise do país e da fome iminente, para ajudar a família e ter oportunidades de crescimento em sua profissão. Ele conseguiu uma bolsa como estagiário de Pós-Doutorado em Campo Grande ainda enquanto morava na Venezuela. É responsável por uma sobrinha, que permanece na Venezuela e com quem mantém contato. O percurso de Luis foi privilegiado, se comparado ao de outros conterrâneos, algo que ele reconhece:

Vim direto para o [...] Brasil [...] Consegui algo que poucos conseguem.

[..] Motivações:

- Sair da crise para poder ajudar a minha família*
 - Poder dar continuidade à minha profissão*
 - Desenvolvimento profissional*
 - Mais oportunidades*
- Sair do país que está em crise (Luis)*

Manuel teve como principal motivação a falta de qualidade de vida e de recursos para suprir suas necessidades básicas. Deixou a esposa e as filhas no país com a esperança de conseguir trabalhar e ter condições de trazê-las em breve:

[...] minha esposa e filhas ainda estão na Venezuela.

Eu preciso trabalhar muito e reunir dinheiro para trazê-las.

[...] Elas são meu círculo de família.

A situação econômica é muito difícil.

O salário não é suficiente para comer e viver.

Muito fome na Venezuela, muito triste. (Manuel)

Nos discursos dos três se percebe alguns fatores da crise vivida na Venezuela, como a fome, desvalorização econômica, baixa qualidade de

vida e laços afetivos com o país por conta de entes queridos que permaneceram por lá. Para compreender a situação do país, é importante explicar como o contexto se construiu. Em 2013, o ex-presidente Hugo Chávez faleceu, após anos no poder e uma trajetória que o marcou como uma figura extremamente popular e querida entre os cidadãos. Após este acontecimento, Nicolás Maduro assumiu o cargo e, com a ausência de Chávez, a nação passou por um processo de reorganização política nos níveis interno e externo. Com Maduro, o país se viu com um governo antidemocrático e repressivo (BASTOS; OBREGÓN, 2018).

Além disso, a principal atividade econômica da Venezuela é a exploração petrolífera, cuja arrecadação vinha de políticas públicas e programas sociais relacionados à extração e às vendas. Com a instabilidade interna, o mercado externo tomou atitudes para não perder a fonte de renda e aplicou embargos ao país, o que, aliado à gestão autoritária, resultou no aumento da inflação, queda do PIB, restrição de consumo de produtos e acesso a serviços básicos. Diante disso, dados apontam que, ao considerar a renda, 96% da população é classificada como pobre, sendo que 79% deste montante vive em condições de extrema pobreza (ENCOVI, 2019).

Luis traz seu ponto de vista sobre este contexto e como vivenciou a instabilidade, destacando a situação econômica e o alto nível de pobreza da população:

Crises 20 anos de revolução. Cada 5 anos uma cor e mudanças diferentes Maduro entrou robando eleições em 2013... E aí o navio afundou mais rapidamente Meu salário lá é de uns \$20

Por mês, Ou seja, uns 78 reais Por mês.

[...] La profesores, médicos, advogados, todos ficamos na igualdade de fome por igual. [...] Não pode dar bem-estar para todos, então apaga qualquer coisa que gere comparação. Acabou com a classe média trabalhadora [...] (Luis)

Para além da vulnerabilidade, outro aspecto importante da trajetória migratória é o período inicial após desembarcar no novo país, pois é um momento essencial para se estabelecer e traçar planos e expectativas. No caso de Carlos, ele ficou seis meses em Boa Vista e passou por percalços:

[...] quando eu vim para Brasil, eu vim sozinho, cheguei aqui com meu sogro só, entendeu? Mas aí ele veio primeiro para Campo Grande e eu fiquei lá sozinho [...] tive que morar na rua, tava dando tudo ruim [...] Aí após 4 meses foi que eu consegui trazer minha mulher, né, e aí depois de dois meses que eu consegui chegar aqui em Campo Grande, entendeu? (Carlos)

Após desembarcar com o sogro, viveu em situação de rua alguns dias e depois no abrigo da Fraternidade Sem Fronteiras, ainda em Boa Vista, até vir para Campo Grande. Após algum tempo, a associação o auxiliou para se mudar para Campo Grande. Quando desembarcou na cidade, já tinha um emprego fixo, o qual lhe dava melhores condições de subsistência.

O processo migratório em si é desgastante e pode ser fator de risco para sofrimento psíquico e ético-político, decorrente da vulnerabilidade em que os indivíduos se encontram. É comum que eles cheguem ao país de destino com pouco conhecimento da cultura e modo de funcionamento das normas e leis, sem domínio da língua, sem conhecer ninguém e, por vezes, vêm sozinhos. Todos estes fatores podem gerar o sentimento de solidão e desamparo, os quais são potencializados por aqueles que precisam se deslocar ainda mais para tentar enfim se estabelecer em alguma cidade com mais oportunidades (LUCENA, 2009).

No caso de Luis, a experiência se diverge por ele ter vindo direto para o Brasil após conseguir uma bolsa como pesquisador de uma universidade pública de Campo Grande. Ele planejava sair da Venezuela há alguns anos, porém, a ideia tomou forma a partir de 2016, quando finalizou seu doutorado e iniciou os trâmites necessários para migrar.

Um dos fatores que faz do Mato Grosso do Sul destaque para o cenário migratório brasileiro se deve às suas particularidades em comparação a outros estados de fronteira. Apesar de ser vizinha de dois países, Bolívia e Paraguai, a região não passa por situações como as de Roraima, pois, por não lidar com um fluxo tão intenso de migração para residência, consegue atender algumas demandas com maior eficiência e ofertar mais vagas de trabalho para essa população. Manuel comenta sobre essa característica do estado em comparação com outros que fazem fronteira direta com a Venezuela e como o contexto foi fator determinante para que conseguisse se estabelecer mais facilmente no país, além de se sentir bem morando em Campo Grande:

[...] nas cidades de Boa Vista e Manaus estão perto da fronteira com... na Venezuela e tem muitos venezuelanos ali, é muito mais difícil conseguir emprego, por isso mesmo, há muitos venezuelanos alá.

Somos poucos estrangeiros nesta cidade, há mais oportunidades de emprego. É também uma cidade muito tranquila e bonita, gosto de viver aqui. (Manuel)

Este discurso é observado em relatos de Carlos e Manuel, quando comentam que se sentiram acolhidos na cidade e se sentem bem morando nela. É de extrema importância para qualquer pessoa se sentir bem e confortável no lugar em que vive, logo, para três pessoas que migraram de um país com uma crise humanitária grave, com certeza essa experiência em Campo Grande foi positiva, em algum nível.

Quem migra traz em sua bagagem suas histórias e expectativas no novo país, portanto, mesmo com o começo difícil enfrentado por Luis e Manuel, os três conseguiram se estabelecer no país e traçar planos de futuro, além de fornecer auxílio para entes queridos que permaneceram na Venezuela. Verificar a trajetória pessoal de cada migrante é algo valioso e necessário para o cenário da pesquisa, haja vista que cada história é única

e, a partir delas, é possível compreender o processo migratório com maior fidedignidade, incluindo os desafios e percalços enfrentados.

Desafios do processo migratório

O processo de migrar para outro país usualmente envolve renúncias e riscos aos quais estes indivíduos estão sujeitos, em menor ou maior grau. Lidar com os sentimentos desencadeados por deixar seu país, estar em situação de vulnerabilidade, exposto a múltiplos riscos, em um lugar novo, por vezes desconhecido, enquanto tenta se adaptar e se estabelecer no país de destino, são alguns dos desafios enfrentados e relatados pelos participantes.

O percurso até o Brasil de Carlos foi árduo, porque além de ter deixado sua família, com a esperança de se reunir brevemente no Brasil, teve que migrar há apenas uma semana para se formar como licenciado em Ciências Policiais, o qual tem peso de ensino superior na Venezuela, se comparado ao sistema brasileiro de educação. Ele trabalhava como policial há algum tempo e pretendia seguir carreira, porém não teve como esperar e veio com o pouco dinheiro que tinha junto ao seu sogro:

[...] eu tive que caminhar [...] mais ou menos uns 10 a 14 km para conseguir pegar um carro que cobrasse mais econômico [...] a passagem até Boa Vista, né, e ali eu resolvi ficar por que além de que não tinha mais dinheiro para ir mais para dentro, né, do Brasil. Então assim, eu tive que ficar lá seis meses, [...] morei no abrigo da Fraternidade Sem Fronteiras por um período bem curtinho. (Carlos)

A partir deste relato, Carlos mostra uma realidade comum a muitos migrantes, em especial vindos de países com a maioria da população dentro da linha da pobreza, como é o caso da Venezuela. No ímpeto de sair da situação de fome e falta de recursos, várias pessoas não têm condições de se planejar financeiramente para sair do país e seguem com o pouco dinheiro que têm, com a esperança de conseguir trabalho ao longo do

caminho ou logo que chegar. Além disso, por virem de um país cuja língua oficial se difere da adotada no Brasil, a maioria dos migrantes não possui domínio do português, sendo este mais um fator que os coloca vulneráveis e expostos à violência, discriminação, riscos de saúde físicas e mental e dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, principalmente em cidades fronteiriças sem o mínimo aparato para receber tantas pessoas, como algumas em Roraima, conforme alertam Araújo, Fontoura e Almeida (2017).

Ao chegar, muitos fazem como Carlos e começam a tentar conseguir dinheiro para se instalar por ali ou, mais comumente, seguir para outras cidades ou até outros países. Ele conseguiu vir para Campo Grande depois de seis meses em Boa Vista vendendo balas, fazendo trabalhos temporários e com a ajuda da associação Fraternidade Sem Fronteiras.

Se comparada à de Carlos, a trajetória de Luis foi mais tranquila, tanto que ele reconhece seus privilégios. O maior desafio enfrentado por ele foi em solo brasileiro, com o demorado processo de validação de seu diploma de Doutorado. De acordo com Ruediger et al. (2017), o processo de validação de diplomas é lento e repleto de burocracias que dificultam a vida de quem espera, pois existe uma série de documentos e carga horárias que devem ser cumpridas no país para conseguir, além de ser comum que as bancas avaliadoras se reúnam a cada de seis meses.

Em seu relato, Manuel traz o elemento da COVID-19 para a migração, pois chegou ao Brasil em março de 2020, início da pandemia que restringiu o funcionamento de vários serviços públicos, dentre eles o da Polícia Federal, responsável por regularizar a documentação de migrantes no país, além de citar isso como um empecilho na sua busca por emprego:

Eu cheguei no mês de março. Março e abril, não achei emprego, fiquei sem trabalhar dois meses, eu não tenía documentación, por que Polícia Federal estava fechada, migración estava fechada por conta da pandemia [...] (Manuel)

Para seguir o debate, é importante falar sobre a discriminação e o preconceito nos quais migrantes estão sujeitos, sendo isso parte das consequências do estado de vulnerabilidade que se encontram durante o processo e que não acaba ao desembarcar no país de destino. Carlos conta sobre sua experiência com discriminação no Brasil e como lidou com a situação, que foi mais grave em Boa Vista do que em Campo Grande, porém, ainda lidou com comentários de colegas de trabalho, o que levou como brincadeira:

[...] já falaram para mim que lá na Venezuela, que eu era alguém, que eu não sou ninguém, [...] “você fica quieto”, “você cala a boca”, que “você não sabe porcaria nenhuma” [...] foram coisas que me ajudaram a crescer, entendeu, mentalmente, psicologicamente, como pessoa, entendeu? Fortalecer ainda mais minha humildade, porque assim [...] vale mais do que qualquer outra coisa, né?

[...] eu tento me superar não para demonstrar para alguém que eu consegui me superar, eu faço mais por minha conta própria, por causa de eu mostrar para mim mesmo que eu consegui, pra conseguir ser feliz, para conseguir me sentir bem, né? [...] Então, essa minha humildade eu acho que foi uma das minhas fortalezas, né, para [...] chegar até onde eu tô agora, entendeu? (Carlos)

O entrevistado traz em sua fala discursos que mostram resiliência na forma como ele lidou com a discriminação, ao buscar levar as falas negativas como algo construtivo, como um combustível para o seu crescimento e fortalecimento no país, uma meta pessoal para sua própria satisfação. Luis e Manuel afirmam nunca terem sofrido discriminação, pois se sentiram muito acolhidos pela comunidade e pelos colegas de trabalho desde o início.

Entretanto, a discriminação e o preconceito com migrantes não se restringem a palavras de ódio e ações violentas, pois são intrínsecas de

forma estrutural na forma com que a sociedade foi construída, logo, o acesso a determinados serviços e locais é dificultado por causa da falta de ações que possibilitem uma mudança de paradigma. Desde a burocracia e escassez de informações para a regularização até situações mais específicas, tudo isso é fruto da falta de interesse do Estado em criar uma infraestrutura adequada para receber e auxiliar essa população enquanto se estabelecem (VILELA, 2011).

Para além da questão estrutural de acesso de migrantes à sociedade, há as marcas psíquicas deixadas por conta de experiências discriminatórias, a demora para conseguir regulamentar sua situação e o peso de deixar seu país e toda uma vida para trás. Não é um processo fácil e muito menos generalizado. Cada história é única e mesmo em um recorte pequeno, como este, é possível observar as nuances da trajetória individuais e como os desafios foram distintos, em especial as formas com que a inserção de Carlos e Manuel no mercado de trabalho ocorreu.

Empregabilidade

A empregabilidade trata-se de um fenômeno que abarca as características individuais, do próprio mercado de trabalho e da sociedade em se regularem aos mais diversos contextos e públicos que podem adentrar no sistema produtivo e sua capacidade de adequação ao mercado e às demandas do trabalhador (KILIMINIK; NETO; REIS, 2015). Na terceira e última seção, serão apresentados tópicos como a trajetória de cada um no mercado de trabalho, sua relação com suas atividades, satisfação e sensação de pertencimento e valorização no contexto, além de abarcar suas estratégias para se manter ativos no mercado

Carlos veio para Campo Grande com um emprego de auxiliar de pedreiro. Em Boa Vista, vendia balas na rua e ganhava, em média, R\$25,00 por dia, o que, na época, ele considerava muito e o fazia muito feliz, pois possibilitou trazer sua companheira e filha para o país antes do que esperava. Como auxiliar de pedreiro, ficou apenas dois meses, porém

conseguiu um novo trabalho formal em uma loja de materiais agropecuários rapidamente, onde se adaptou bem e permanece há quase dois anos, além de se sentir querido pelos colegas e pela organização:

[...] o tempo que eu tive mais dificuldade na área de arrumar emprego e tal foi lá na Boa Vista [...] Aqui em Campo Grande, já foi outra coisa [...] eu cheguei já com emprego [...] assim que acabei esse serviço já veio mais um, arrumei essa outra oportunidade aí, deu tudo certo [...] E tive a vontade, né, de aprender, de querer melhorar, né, aprender a falar, de melhorar meu sotaque, de melhorar meu jeito de falar, de melhorar tanto pessoalmente, quanto mentalmente [...] (Carlos)

Em seu relato, Carlos traz discursos que mostram suas competências individuais e capacidade de se aperfeiçoar para ter uma experiência melhor no trabalho e em sua vida, o que, pelo que foi dito, lhe deixa satisfeito. Ele traz a faceta individual da empregabilidade elucidada por Kiliminik, Neto e Reis (2015) ao colocar as características pessoais e ímpetos do indivíduo em buscar sempre melhorar para estar apto para continuar no mercado de trabalho. Contudo, pela visão do ser humano histórico-dialético, não depende exclusivamente da pessoa realizar esse processo sozinho, haja vista que ele é fruto da relação com seu meio, ou seja, depende de múltiplos fatores como as condições que a organização oferece para o crescimento de seus trabalhadores, como cursos e um vínculo com o funcionário que desperte o desejo de crescer na empresa, além de oportunidades oferecidas para os migrantes para acessar as ferramentas que vão auxiliá-los nessa jornada, levando em conta os velhos problemas estruturais.

Luis chegou como bolsista de Pós-Graduação em Educação em uma Universidade pública de Campo Grande a partir de um processo seletivo que fez ainda na Venezuela, fato que surpreendeu os responsáveis pelo processo ao ver um venezuelano como bolsista. Na Venezuela, era professor associado e chegou a ser chefe do Departamento de Ciências Sociais da

Universidade em que trabalhava, porém seu salário era baixíssimo: em média 20 dólares, o equivalente a pouco mais de R\$100,00. No que diz respeito a sua relação com os colegas de trabalho, tenta ser proativo e ficar no mesmo nível pela ampla qualidade da Pós-Graduação no Brasil:

É uma comunidade maravilhosa de professores e pesquisadores

A demanda é forte porque Brasil é líder em pós-graduação na América Latina. Então devo sempre me destacar para estar ao mesmo nível

Faço tudo o que faria um professor efetivo na pós-graduação. Com a exceção de que ainda não posso orientar. (Luis)

Ele ainda relata que não é fácil entrar em uma universidade pública brasileira, principalmente para um migrante, e que, apesar de desempenhar muitas funções de um professor, não é contratado como tal. Além disso, acredita que o ambiente de trabalho é muito competitivo e que precisa fazer mais para mostrar serviço e se destacar:

[...] eu sinto que devo fazer até mais, mesmo que nunca meus coordenadores tem me pedido fazer mais do que os outros (Luis)

Manuel é Engenheiro de Petróleo e atuou por cinco anos na Venezuela, porém não conseguiu exercer sua profissão no Brasil ainda, apesar de ter essa expectativa para o futuro. Quando chegou, em março de 2020, ficou sem trabalhar até conseguir um emprego em maio como diarista no supermercado atacadista, em que foi efetivado em agosto como auxiliar de perecíveis, quando já estava regularizado e conseguiu assinar sua Carteira de Trabalho.

Carlos fala mais de sua experiência no atual emprego e relata que a maior parte dos conflitos se deu por causa de sua alta proatividade. Por ter que aprender muitas coisas novas ao mesmo tempo, valoriza muito essa habilidade e relata receber tudo isso com humildade, assim como trouxe em

relatos anteriores. Ele afirma ter aproveitado suas oportunidades de crescimento para ajudar outros migrantes a tentar uma vaga de trabalho na loja e em outros locais:

[...] quando eu tive a oportunidade de ajudar alguém, eu ajudei, fiz e com quem eu não consegui, lamento, mas pelo menos tentei ajudar [...] comigo não teve dificuldade, espero que não tenha dificuldade nenhuma [...] (Carlos)

21

Luis traz à tona questões como a ansiedade que sentia pela insegurança de seu estágio, pois acreditava que poderia ser demitido a qualquer momento, principalmente com os constantes cortes de recursos da educação pública:

Antes senti mais ansiedade. Hoje sinto menos. O que eu já fiz e estou ainda fazendo para conseguir Prorrogação de prazo me faz sentir mais confiante (Luis)

A inconstância ainda o deixa pensativo sobre o futuro, porém, com a possibilidade de prorrogação de sua bolsa por mais alguns anos e por acreditar que consegue se tornar professor efetivo em breve, se sente menos ansioso e inseguro, além de considerar ser essencial para o trabalho que desempenha. Entretanto, algo que dificulta o plano de ser professor é a falta de interesse da maioria das universidades em contratar profissionais de alta qualificação como ele pelos altos custos gerados, portanto, foca em continuar em instituições públicas por ser mais provável de conseguir algo.

Eu me sinto parte desse sistema [...]

Meu trabalho é importante para o país. (Luis)

Este relato mostra a vivência da empregabilidade pelo viés da subjetividade, em que são considerados os fatores que afetam a satisfação,

comprometimento e bem-estar do trabalhador com as funções que exerce e com o ambiente de trabalho. Se sentir valorizado e com perspectivas de crescimento é essencial para fortalecer o vínculo do trabalhador e, em especial para migrantes, a sensação de pertencimento no novo país torna sua experiência adaptativa mais confortável

Para Carlos, a sensação de segurança e estabilidade no trabalho é real e o faz sentir tranquilidade diante das perspectivas de crescimento e de estabilidade, por conta da a confiança que os gestores depositam nele, mesmo afirmando que não é indispensável:

[...] eu sei que eu faço parte do pessoal de confiança dentro da empresa, e também eu sei que faço parte de uma parte muito importante da empresa [...] eu não me sinto imprescindível, sabe? [...] Também não tenho risco de sair, até agora eles não me deram motivo nenhum pra pensar isso. (Carlos)

Manuel conta que foi bem recebido pelos colegas de trabalho e que eles o auxiliaram com o português e orientando para o melhor desempenho de suas funções, além de se sentir muito querido por todos da empresa e estar muito feliz por essa experiência. Por ter essa relação com o trabalho, sente muita segurança, estabilidade e possibilidades de crescimento na organização:

[...] eu não falava muito português e todo mundo falava mais lento pra mim, me explicavam tudo e me ajudavam e eu aprendi, eu fui melhorando no trabalho e eu me sinto muito bom com eles, com meus chefes, com meus colegas, até com o gerente da loja. Todo mundo é muito legal, eu me sinto muito feliz no meu trabalho.

[...] eu sinto muito seguro, estável e sim, acredito que eu posso continuar trabalhando por muito tempo. Não só trabalhando, mas também crescer na empresa. (Manuel)

Diante dos relatos, é possível analisar como as histórias migratórias e de adaptação no Brasil de Carlos, Luis e Manuel são distintas, ao mesmo tempo que se encontram por conta de questões comuns à vivência como migrante. É imprescindível discutir como se dá o acesso ao mercado de trabalho, as implicações subjetivas do processo migratório no trabalho e como as organizações se comportam no sentido de oferecer subsídios para seus funcionários se sentirem acolhidos, valorizados, satisfeitos e com perspectivas de crescimento, pois são valores e sentimentos essenciais para que o migrante consiga construir uma história mais feliz no país de destino.

É por esta razão que observar o fenômeno da empregabilidade pela lente do materialismo histórico-dialético com o recorte das experiências dos migrantes internacionais proporciona reflexões ricas e que demonstram a realidade vivida por milhões de pessoas pelo mundo e como não depende apenas do indivíduo sua entrada no mercado, há inúmeras nuances e impedimentos por trás que devem ser levados em consideração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela visão do materialismo histórico-dialético, regente da análise da pesquisa, o ser humano é relacional, construído a partir das experiências adquiridas ao longo da vida e com a capacidade de afetar o ambiente ao seu redor assim como pode ser afetado pelas organizações sociais, valores, cultura e funcionamento das pessoas. Em uma sociedade capitalista, quando se junta a desigualdade social e os estereótipos, torna-se mais tortuoso para que pessoas pertencentes a determinados grupos minoritários consigam ter acesso a oportunidades e espaços sociais que alguns conseguem com menos obstáculos. É o caso dos migrantes e como eles vivenciam os frutos de séculos de descaso e preconceitos infundados que se perpetuam até os dias vigentes pela imagem social do migrante como inimigo.

A migração é parte essencial da mobilidade humana e, por vezes, uma esperança de sobrevivência e da busca por qualidade de vida. Por conta disso, o papel principal de toda as nações deveria ser de proporcionar condições adequadas para acolher pessoas que não conseguem se manter mais em seus países de origem, por qualquer motivo, pois se trata de um grupo que fica vulnerável e sujeitos à violência, riscos do processo migratório, discriminação e às maneiras com que o sistema dificulta o acesso a serviços básicos e ao mercado de trabalho.

É imprescindível e urgente que o Brasil conte com políticas públicas específicas para atender às demandas reais da migração, sem defasagem das normas já existentes. Por conta disso, é dever da sociedade se aliar à luta e cobrar melhorias nas condições de vida desta população. Para que isso ocorra, a divulgação de informações é essencial, seja na mídia, no dia a dia ou com as discussões no âmbito acadêmico, utilizando estes espaços para dar voz a quem não é escutado, expor a realidade e as necessidades que podem ser supridas a partir de novas políticas e de inúmeras ações em busca de superar a invisibilidade do cidadão migrante.

Carlos, Luis e Manuel inclusive se mostraram satisfeitos em participar da pesquisa e enxergam em ações como essa pequenos passos que podem causar mudanças significativas a longo prazo. Levando isso em consideração, aliado à escassez de pesquisas de campo na Psicologia com migrantes, ainda mais localizadas no estado de Mato Grosso do Sul, tão conhecido por suas fronteiras com Bolívia e Paraguai, se vê a relevância de trabalho deste tipo por contribuir com o compromisso social da Psicologia.

Por conta disso, considera-se que os objetivos foram atingidos e foi possível verificar os três eixos principais da pesquisa – que deram nome às seções de apresentação dos resultados –, apresentando as experiências dos três, suas nuances, perspectivas de mundo, percalços durante o trajeto migratório, experiências no mercado de trabalho, consciência de privilégios e da realidade vivida, além da vivência da empregabilidade de cada um, que se mostrou, em grande parte, positiva. Estes resultados têm seu valor por

expor uma realidade migratória que, apesar dos pesares, conta com muita esperança de dias melhores, perspectivas otimistas de presente e do futuro e uma relação saudável com o trabalho, mostrando uma faceta positiva da migração, por vezes ainda deixada de lado para continuar com narrativas de glamourização do sofrimento e generalizações. Com mais pesquisas, difusão das informações para quem precisa, conscientização da população e o uso dos privilégios para lutar ao lado destes sujeitos, com certeza o caminho do futuro pode guardar grandes conquistas, basta cada um fazer sua parte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. P.; ARAÚJO, K. A. Discutindo gênero e cultura: um estudo sobre mulheres haitianas em Campo Grande-MS, Brasil. **Trayectorias humanas transcontinentales**, Limoges, n. 6, p. 114-130, dez. 2019.

ARAÚJO, K. A.; FONTOURA, F. P.; ALMEIDA, L. P. Migração, território e trabalho de mulheres latino-americanas. **Ebook Chile: Território(s), género, trabajo y políticas públicas en América Latina**, São Paulo, p. 139-150, jan. 2017.

BASTOS, J. P. B.; OBREGÓN, M. F. Q. Venezuela em crise: o que mudou com Maduro? **Derecho y Cambio Social**, p. 1-16, 2018.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; MACÊDO, M. F. R. Imigração e refúgio no Brasil. **Relatório Anual 2020**. Brasília: OBMigra, 2020.

ENCOVI. **Pesquisa nacional de condições de vida 2019-2020**. Instituto de Investigaciones Económicas y Sociales (IIES), 2019.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

KILIMNIK, Z. M.; NETO, S. P. S.; REIS, J. A. Empregabilidade e reinserção no mercado de trabalho: um estudo com profissionais com experiência internacional. **Gestão.org**, v. 13, n. 2, 2015. p 93-102. Belo Horizonte: 2015.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social**. 22 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

LUCENA, C. T. Inclusão e exclusão de imigrantes em território de acolhida. In: ALMEIDA, M. G. (Org.). **Territorialidades na América Latina**. Goiânia: UFG, 2009, p. 197-207.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUSSI, C.; MARINUCCI, R. **Vulnerabilidade social em contexto migratório**. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 2007.

MAGALHÃES, C. (Org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

MILESI, R.; COURY, P. Apresentação. In: **Cadernos de debates refúgio, migração e cidadania**. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, v. 12, n. 12, p. 7-15, 2017.

MILESI, R.; COURY, P.; ROVERY, J. Migração venezuelana no Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. **Aedos**, v. 22, n. 10, p. 53-70, 2018.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PERÉZ, E. R. **Empregabilidade: versões e implicações. Uma leitura desde a Psicologia Social**. 2008. 183 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RUEDIGER, M. A. L. et al. Expatriados, imigrantes e refugiados no Brasil: trajetórias e estratégias de integração econômica e social. **Mosaico**, v. 8, n. 13, p. 161-179, 2017.

SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia e Sociedade**, v. 3, n. 21, p. 364-372, 2009.

SILVA, J. C. J.; JUBILUT, L. L.; VELÁSQUEZ, M. Z. P. Proteção humanitária no Brasil e a Nova Lei de Migrações. In: RAMOS, A. C.; VEDOVATO, L. R.; BAENINGER, R. (Coord). **Nova Lei da Migração: os três primeiros anos**. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp – Observatório das Migrações em São Paulo/FADISP, 2020.

VENDRAMINI, C. R. A categoria migração na perspectiva do materialismo histórico e dialético. **Katályss**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 239-260, mai/ago. 2018.

VIEIRA, A. R. Os desafios da Psicologia no contexto contemporâneo da migração e as políticas públicas no estado do Paraná. **Anais: I Seminário sobre Direitos Fundamentais e Democracia**. Curitiba: mar. 2016.

VILELA, E. M. Desigualdade e discriminação de imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, 2011, p. 89-128.